

# Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

19 a 26 de agosto de 2022 | [www.abbc.org.br](http://www.abbc.org.br)

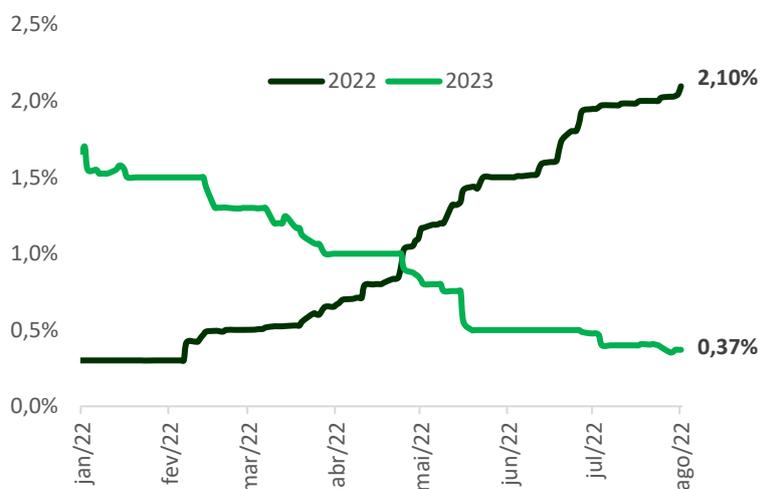


## Mensagem fortalecida

O aguardado pronunciamento do presidente do Fed em Jackson Hole trouxe um pronunciamento mais duro, demonstrando preocupações com a desancoragem das expectativas de inflação e sua disposição em fazer a inflação convergir à meta de 2,0% a.a.. Utilizada como referência, a inflação pelo PCE reduziu-se de 6,8% a.a. para 6,3% a.a. (4,6% na medida de núcleo). A prévia de agosto dos índices PMI da manufatura e serviços nos EUA sinalizaram desaceleração. Embora já seja verificado um arrefecimento da expansão da atividade econômica e pressão inflacionária, a mensagem do Fed é de que os juros deverão permanecer em patamares restritivos por um período mais longo do que se aguardava. Com a interpretação de que o processo seja dolorido, as bolsas fecharam com acentuadas perdas em relação à semana anterior. O *spread* negativo entre as taxas juros de 10 (3,04% a.a.) e de 2 anos (3,37% a.a.) é uma sinalização de uma possível formação de um processo recessivo. Mesmo com a apreciação do dólar no mercado internacional, o real se apreciou 2,08% na semana, chegando a R\$ 5,06/US\$, beneficiando-se do fluxo de entrada de capital externo. A prévia do IPCA registrou deflação de -0,73% em agosto, com o ritmo de expansão anual arrefecendo de 11,39% a.a. em jul/22 para 9,60% a.a.. A suavização refletiu fundamentalmente a redução de impostos sobre os combustíveis e a energia elétrica. No que tange às expectativas, ainda não houve alteração substancial no horizonte relevante para a condução da política monetária (o ano de 2023 e, em menor grau, o de 2024). No Boletim Focus, as projeções para o IPCA de 2023 cederam -0,03 p.p. para 5,30%, mantendo-se em 3,41% para 2024. A arrecadação federal surpreendeu novamente em julho com a entrada de R\$ 202,6 bilhões via impostos e previdência (+7,5% a.a.). O déficit em transações correntes acumulado em 12 meses apresenta trajetória de alta, com o aumento mais acelerado das importações em relação às exportações, a retomada das viagens internacionais e maior remessa de lucros dividendos – saindo de US\$ -26,9 bilhões em abril (1,57% do PIB) para US\$ -32,9 bilhões (1,89% do PIB) em maio. Para a semana, serão destaques o PIB brasileiro do 2T22, Pnad, fiscal, produção industrial e relatório de emprego nos EUA.

## Expectativas

### PIB - Mediana das Projeções (variação anual)



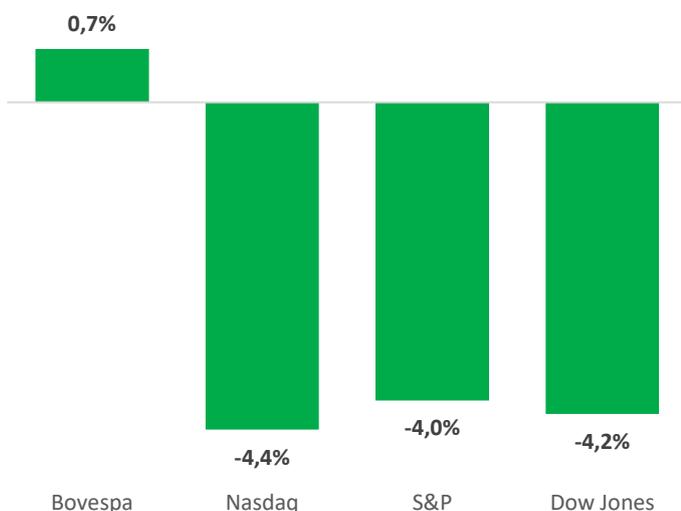
Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Refletindo às perspectivas de PIB mais elevado no 2T22, a mediana das estimativas no Boletim Focus para o crescimento da economia em 2022 avançou 0,08 p.p. para 2,10%. Contudo, para 2023 voltou a cair -0,02 p.p. para 0,37%, enquanto manteve-se em 1,80% para 2024. No campo inflacionário, ainda com o impacto da redução temporária de impostos, a previsão para a variação do IPCA em ago/22 recuou de -0,26% para -0,31%, a de set/22 passou de 0,39% para 0,33% e a de out/22 manteve-se em 0,53%. Assim, a mediana das expectativas para 2022 e 2023 também tiveram redução em relação à leitura passada. A de 2022 passou de 6,82% para 6,70%, enquanto a de 2023 cedeu de 5,33% para 5,30%, seguindo em 3,41% para 2024. Apesar da temporariedade das desonerações, espera-se que a redução da inflação corrente deverá aliviar a pressão da inércia inflacionária a partir de 2023. Sem alterações, as projeções para a Meta Selic permaneceram em 13,75% a.a. para 2022, em 11,00% a.a. para 2023 e em 8,00% a.a. para 2024.. Também sem mudanças, as estimativas para as taxas de câmbio seguiram em R\$ 5,20/US\$ aos finais de 2022 e 2023 e em R\$ 5,10/US\$ ao término de 2024.

No âmbito fiscal, a previsão para a dívida líquida do setor público continuou em 59,00% do PIB para 2022, recuou de 63,65% para 63,50% do PIB para 2023, mantendo-se em 65,00% do PIB para 2024. A estimativa para o resultado primário seguiu em 0,30% do PIB em 2022, variou de um déficit de -0,47% para -0,49% do PIB em 2023, mantendo-se estável em 0,0% em 2024. Para o resultado nominal, a estimativa do déficit continuou em -6,80% do PIB para 2022, -7,70% do PIB para 2023 e variou de -5,80% do PIB para -5,75% em 2024.

## Aversão ao Risco

### Bolsas Internacionais Variação na semana



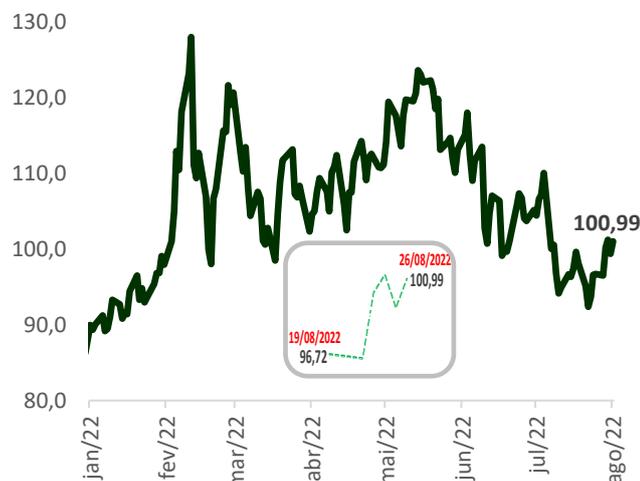
A semana foi marcada pela cautela e a busca por ativos mais seguros no aguardo do pronunciamento do presidente do Federal Reserve (Fed) em Jackson Hole. Jerome Powell reafirmou o compromisso incondicional com a estabilidade de preços, em detrimento da expansão da atividade econômica. Assim, espera-se que a taxa permaneça em patamar restritivo por um período mais longo do que se aguardava para que a inflação convirja à meta de 2,0% a.a.. No mercado acionário, esse posicionamento levou à queda dos principais índices. Na semana, a Nasdaq recuou -4,4%, enquanto a Dow Jones cedeu -4,2% e a S&P, -4,0%. Domesticamente, favorecido pelo fluxo de recursos, o índice Bovespa avançou 0,7%.

### T-Note 10 anos (% a.a.)



Contudo, o retorno das T-Notes com vencimento em 10 anos fechou a semana com alta de apenas 0,06 p.p. para 3,04% a.a.. O retorno dos títulos mais curtos vem aumentando em ritmo mais intenso, sendo que para a taxa de 2 anos já alcançou 3,37% a.a., respondendo à velocidade do ciclo de alta dos juros e aumentando a probabilidade da formação de um processo recessivo, como indica o spread negativo entre as taxas de 10 e 2 anos.

### Petróleo Brent última cotação US\$

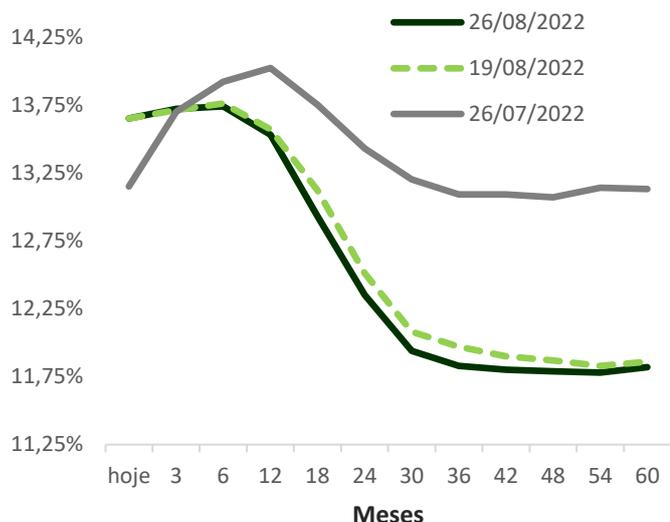


Ao final da semana, o risco soberano brasileiro, medido pelo prêmio do CDS de 5 anos, caiu -5,83 bps. para 258,34 bps.. Finalizando, a cotação do petróleo tipo Brent avançou 4,41%, chegando a US\$ 100,99 e respondendo aos possíveis cortes de produção da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep). Adicionalmente, a informação de que os EUA teriam rejeitado todas as condições adicionais exigidas pelo Irã durante as negociações do acordo nuclear impuseram pressão adicional sobre os preços.

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

## Taxa de Juros

### Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)

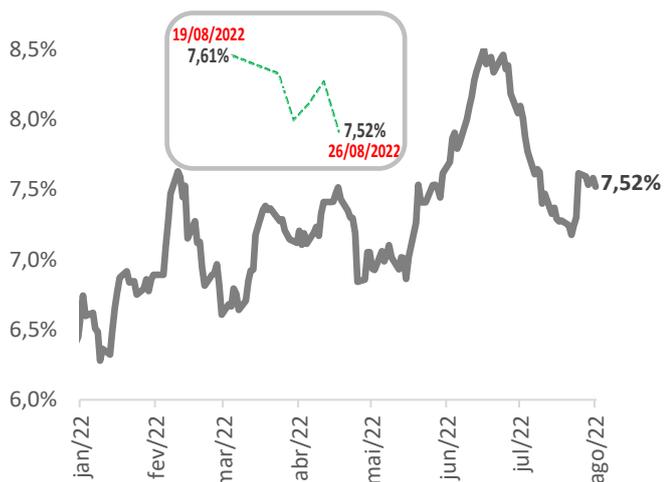


A despeito da maior cautela no mercado global, houve devolução de prêmios nas taxas futuras de juros da Estrutura a termo, sobretudo nos vértices intermediários, em meio ao fluxo de entrada de capital estrangeiro no país e o alívio no mercado de câmbio.

Nos prazos de 18, 24 e 36 meses, as taxas caíram -0,19 p.p., -0,16 p.p. e -0,14% p.p. para 12,93% a.a., 12,35% a.a. e 11,83% a.a., respectivamente. Com ajustes mais moderados, os vértices de 48 e 60 meses retraíram -0,08 p.p. e -0,04 p.p., na ordem, para 11,79% a.a. e 11,82% a.a..

## Taxa Real de Juros

### Ex-ante (% a.a.)

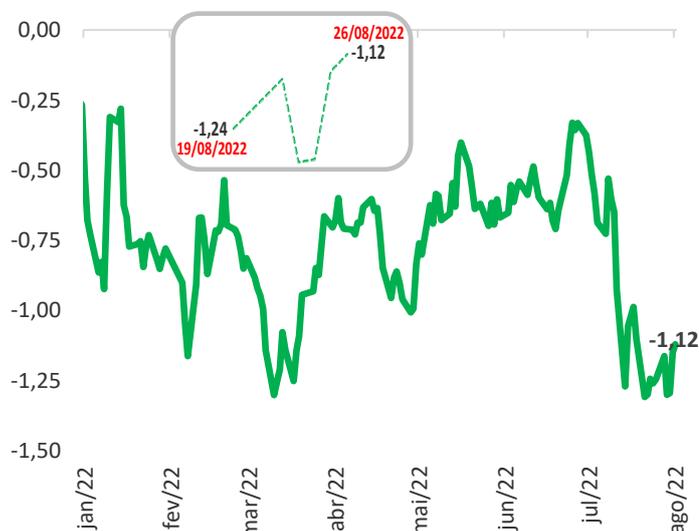


Na mesma direção, a taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias registrou queda de -0,04 p.p. terminando a semana em 13,53% a.a.. Como a inflação esperada para os próximos 12 meses aumentou 0,06 p.p. para 5,59%, a taxa real de juros *ex-ante* retraiu-se -0,10 p.p. para 7,52% a.a..

Finalizando, o *spread* entre as taxas de juros de 10 anos e de 1 ano, negociadas na Anbima, avançou 0,12 p.p. na semana, terminando em -1,12 p.p.. Considerando a curva futura de juros, o *spread* entre os mesmos prazos subiu 0,04 p.p. para -1,48 p.p..

## Spread da Taxa de Juros

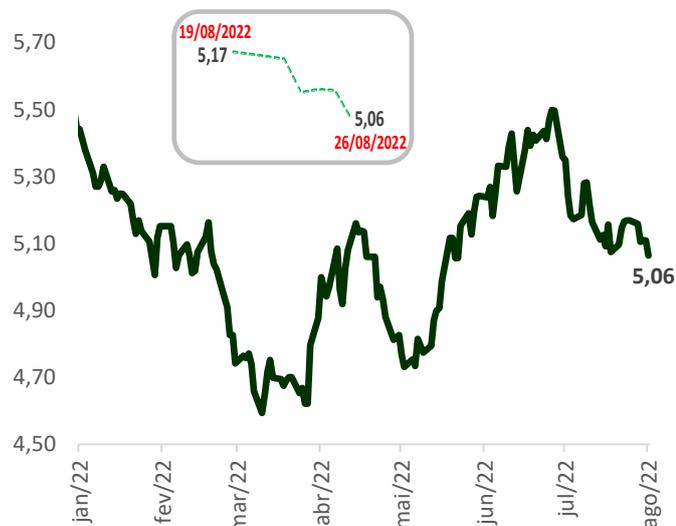
### Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3. Elaboração ABBC

## Câmbio

### Real/US\$



O dólar se fortaleceu no mercado internacional em relação às moedas de países desenvolvidos, respaldado no indicativo de que o Fed manterá o ciclo de aperto monetário em patamar restritivo em um período maior do que o antecipado, apesar da desaceleração no ritmo de atividade econômica. Com isso, o DXY avançou 0,59%, refletindo as depreciações de -0,72% na libra esterlina e de -0,71% no euro.

### Dollar Index



Já as divisas de países emergentes seguiram em movimento contrário em meio aos ganhos nos preços das commodities. O índice que calcula o desempenho das divisas desses países em relação ao dólar fechou em alta de 0,41%, com destaques para as apreciações de 5,29% no peso chileno e de 0,66% no peso mexicano. Em contrapartida, o rublo russo se depreciou -1,97%.

Em maior intensidade do que os seus pares, o real se apreciou 2,08% em relação ao dólar, fechando cotado a R\$/US\$ 5,06, favorecido pelo forte fluxo de entrada de capital estrangeiro no país. Assim, o Banco Central manteve sua atuação no mercado cambial somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimentos em 03/10/2022 (US\$ 15,6 bilhões).

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

### Índice de Emergentes\*



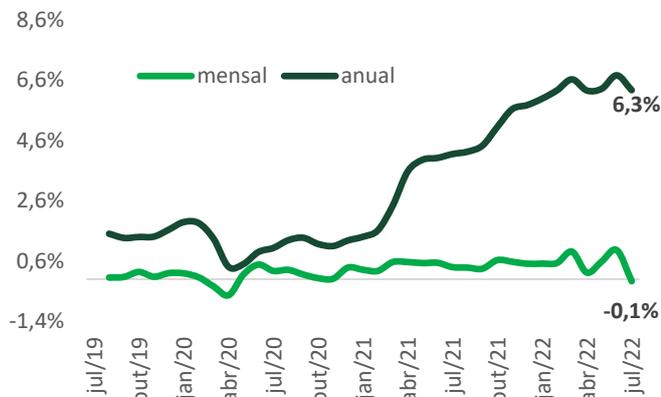
\*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: JP Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

## Atividade Global - Ago/22

### EUA – Personal Consumption Expenditures Deflator



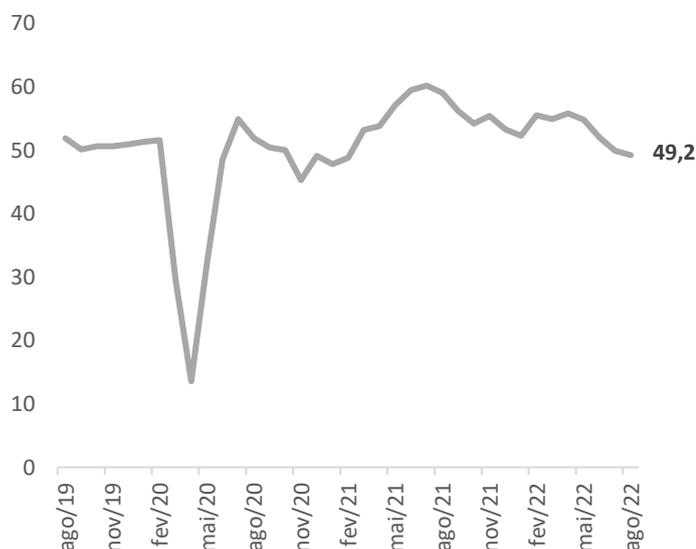
Fonte: U.S. Department of Labor/Elaboração ABBC

### EUA – Confiança do Consumidor



Fonte: The University of Michigan/Elaboração ABBC

### Zona do Euro – PMI Composite



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

No Simpósio de Política Econômica de Jackson Hole, o presidente do Fed reafirmou o compromisso de priorizar o combate à alta dos preços, indicando que se necessário, as políticas se manterão restritivas ao crescimento até que a inflação volte à meta de 2,0%, a despeito dos impactos econômicos. Adicionalmente, atrelou as próximas decisões sobre juros aos indicadores econômicos, especialmente aos de mercado de trabalho e inflação.

Monitorado pelo Fed, o PCE, que mede os preços de gastos com consumo nos EUA, caiu -0,1% em julho na comparação mensal, o que representou uma elevação de 6,3% a.a.. Com o resultado, o indicador desacelerou significativamente em relação a junho, quando subiu 1,0% na base mensal e 6,8% a.a.. O núcleo do PCE, que exclui os preços mais voláteis de alimentos e energia, registrou alta de 0,1% no mês (4,6% a.a.). O resultado melhor do que o esperado, em tese, abriria espaço para que não ocorresse um novo ajuste de 0,75 p.p. na taxa básica de juros na reunião de setembro.

Do lado da atividade, a prévia de agosto dos índices PMI da manufatura e serviços dos EUA seguiram mostrando tendência de arrefecimento da atividade. Já o índice de confiança do consumidor de Michigan foi revisado da preliminar de 55,1 para 58,2 em agosto.

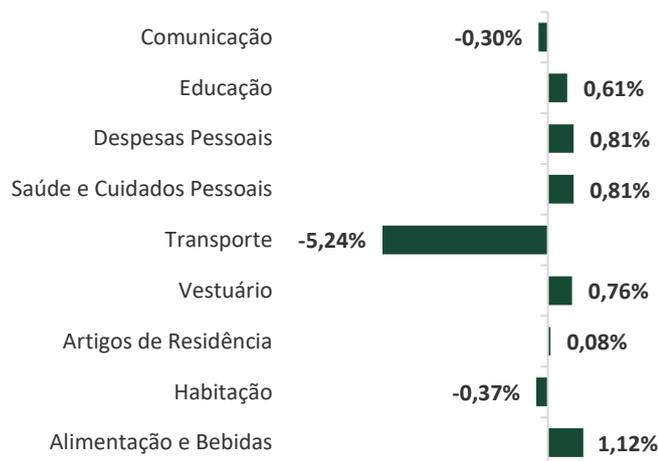
Na Zona do Euro, a ata da última reunião de política monetária reforçou a percepção de que o BCE continuará elevando juros, diante da inflação ainda pressionada, inclusive nos itens menos voláteis. Na atividade, indicadores preliminares de agosto reforçaram os sinais de contração da economia no 3T21. A prévia do índice PMI caiu pela 2ª vez, atingindo 49,2 pontos, patamar que indica retração da atividade. Mais uma vez, a queda deveu-se à contração da manufatura, enquanto a produção do setor de serviços, que vinha em expansão, perdeu força, ficando praticamente estável. Adicionalmente, a recomposição da força de trabalho começou a perder fôlego, ao mesmo tempo em que houve avanço mais moderado dos custos e repasses.

## IPCA-15 - Ago/22

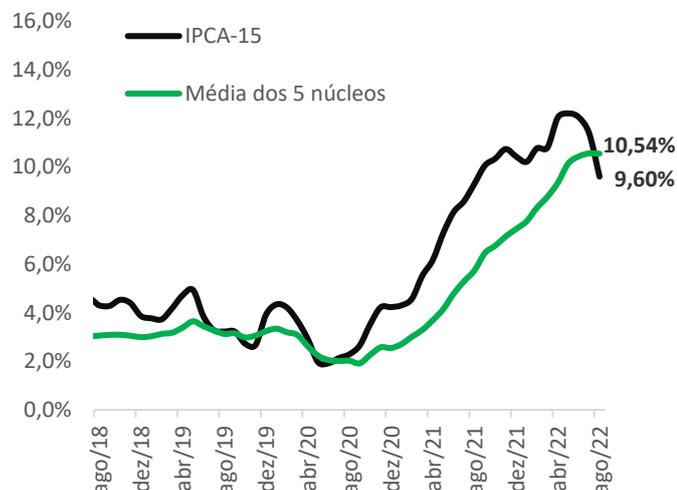
### Variação Mensal



### Variação Mensal Por grupo



### Evolução Anual



Ainda sob forte impacto da redução de impostos sobre os combustíveis, energia e comunicação, o IPCA-15 registrou deflação de -0,73% em agosto, após elevar-se 0,13% em julho. Apesar de acima da mediana das expectativas de mercado de -0,83%, a taxa representou o menor valor da série histórica iniciada em 1991. A inflação dos preços administrados recuou significativamente no mês, de -1,50% para -4,28%, enquanto a dos preços livres desacelerou de 0,72% para 0,53%. No ano, o indicador acumula alta de 5,02%. Após 12 meses, a inflação voltou a ficar abaixo dos 2 dígitos, alcançando 9,60% a.a. (11,39% a.a. em jul/22).

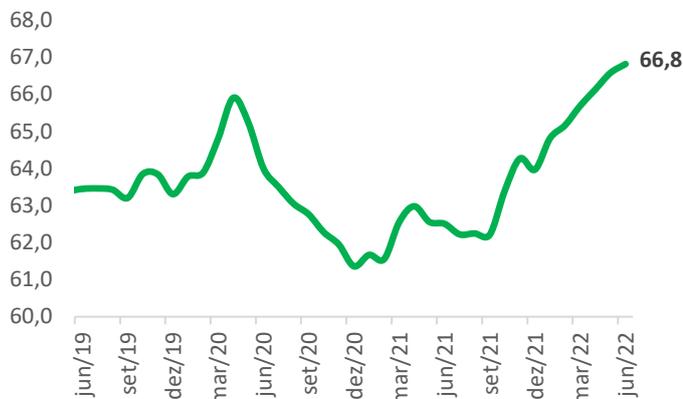
O resultado positivo foi concentrado em alguns itens que mais se beneficiaram dos cortes de impostos, o grupo Transporte registrou deflação de -5,24% em agosto, após cair -1,08% em jul/22, impactando em -1,15 p.p. no índice total. Na decomposição, observou-se o recuo dos combustíveis (-15,33%), sobretudo gasolina (-16,80%) e etanol (-10,78%), enquanto o gás veicular cedeu -5,40%. Destaque também para as passagens aéreas, com queda de -12,22%, após subir por 4 meses consecutivos. Em menor intensidade, os preços de Habitação recuaram -0,37%, ante -0,78% no mês anterior, com a contribuição da energia elétrica, item em que os efeitos da redução do ICMS surtiram mais rapidamente, mostrando uma desaceleração da queda de -4,61% em jul/22 para -3,29% em agosto. Nos itens em alta, a maior ficou para Alimentação e Bebidas, que oscilou de 1,16% para 1,12%, contribuindo em 0,24 p.p. para o indicador, com destaque para o incremento em Leites e derivados, que mesmo com a desaceleração de 11,43% de julho para 8,70%, se mantém em patamar elevado.

Ainda que com redução, as medidas subjacentes ainda se encontram em patamar elevado quando comparado com as metas inflacionárias. Ainda em elevação, a inflação da alimentação no domicílio ficou em 16,08% a.a., em 13,48% a.a. para os bens industriais e em 9,40% a.a. para serviços. Porém, na média móvel trimestral dessazonalizada e anualizada já um arrefecimento nos 3 critérios. Por fim, a média dos núcleos acompanhados pelo Banco Central (DP, MS, EX0, EX3, P55) sofreram ligeira redução de -0,02 p.p. para 10,54% a.a.. O índice de difusão recuou de 67,8% em jul/22 para 65,1%. Para frente, com a dissipação do impacto tributário, a dinâmica da inflação deve se beneficiar da queda dos preços nas refinarias, das commodities e da redução dos entraves na oferta de bens industriais. Entretanto, a inflação de serviços que está em 9,0% a.a. deve seguir se elevando, com a atividade mais aquecida do que a esperada, com os programas de maior transferência de renda e a melhora do mercado de trabalho.

Fonte: IBGE Elaboração ABBC

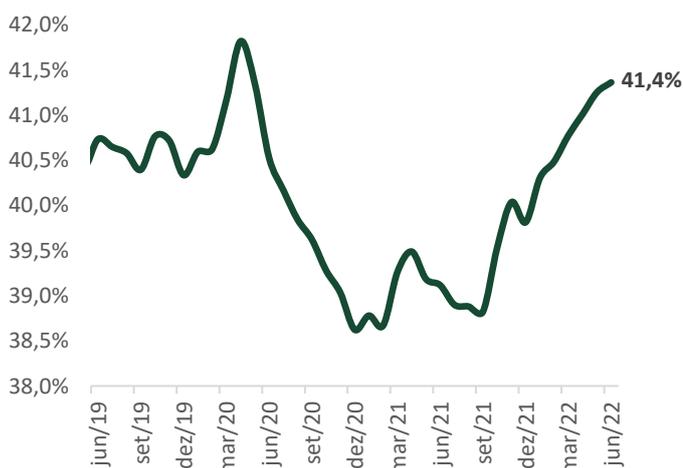
## Inadimplência do Consumidor- Jun/22

### Consumidores Inadimplentes Em milhões



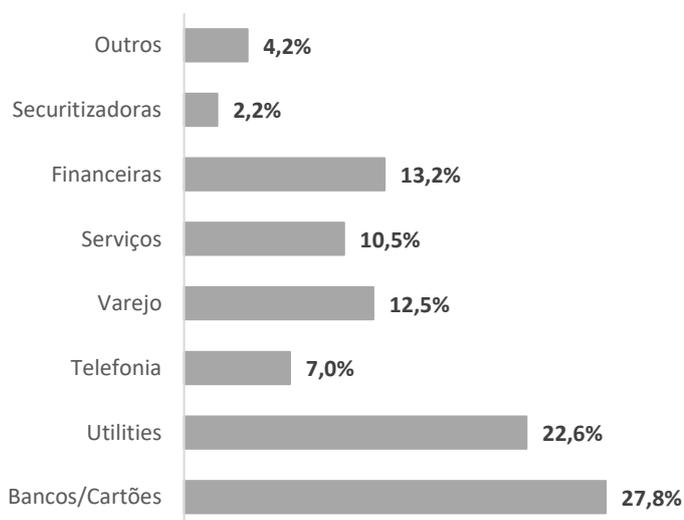
Segundo dados da Serasa Experian, o número de consumidores inadimplentes atingiu 66,8 milhões em junho, maior valor desde o início da série histórica iniciada em mar/16. Dessa forma, houve neste indicador uma expansão de 4,5% no ano e de 6,9% em relação a jun/21. O cenário se deteriorou, com a pressão inflacionária e as consecutivas altas na taxa de juros impactando a renda e a capacidade de pagamento do consumidor. Assim, o total de dívidas negativadas alcançou R\$ 281,4 bilhões em junho, alta de 11,7% no ano e 14,4% em 12 meses.

### Inadimplência da População Adulta



Dentre os consumidores inadimplentes, 23,8 milhões estão na faixa de 26 a 40 anos, representando 35,6% dos inadimplentes, seguido pela faixa de 41 a 60 anos, com 22,9 milhões de inadimplentes (34,3% do total). Os jovens até 25 anos são os menos endividados, representando 12,9% do total (8,6 milhões). Assim, o percentual da população adulta inadimplente alcançou 41,4%, avanços de 1,5 p.p. no ano e de 2,2 p.p. em 12 meses.

### Setores

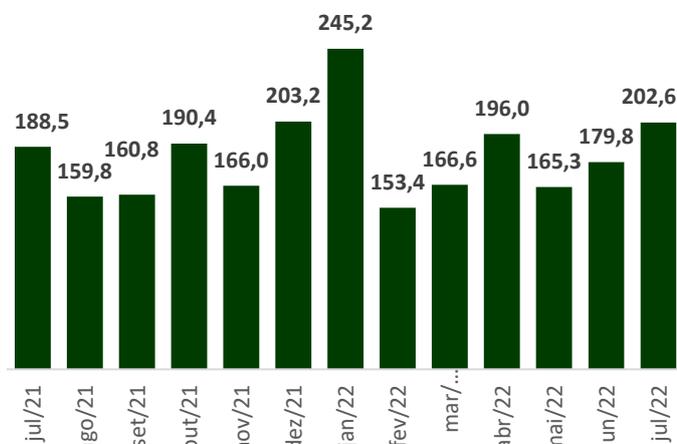


Na abertura por setores, as dívidas com bancos/cartões mantêm-se como a principal, representando 27,8% do total. Contudo, observa-se um crescimento em dívidas com financeiras (1,9% no ano e 3,4% em 12 meses) para 13,2% do total. Utilities, que englobam gás, energia elétrica e água, somam 22,6% do total. Cabe mencionar que apesar da dívida de cartões e bancos apresentarem o principal fator de inadimplência, o setor financeiro representa 41,0% do total da inadimplência, percentual inferior às dívidas do setor não financeiro (59,0%).

Fonte: Serasa Experian. Elaboração ABBC

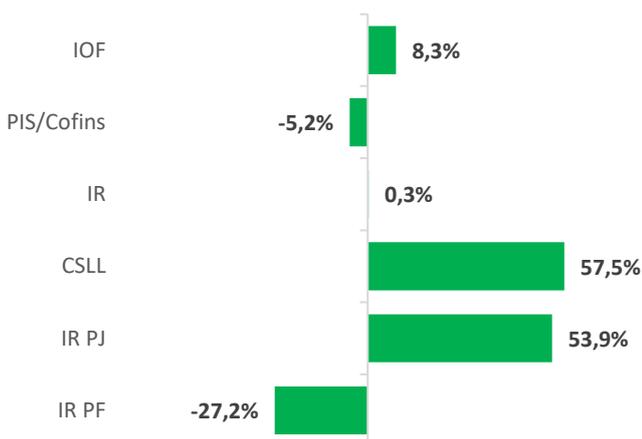
## Arrecadação Federal - Jul/22

### Imposto + Previdência Em R\$ bilhões - deflacionada



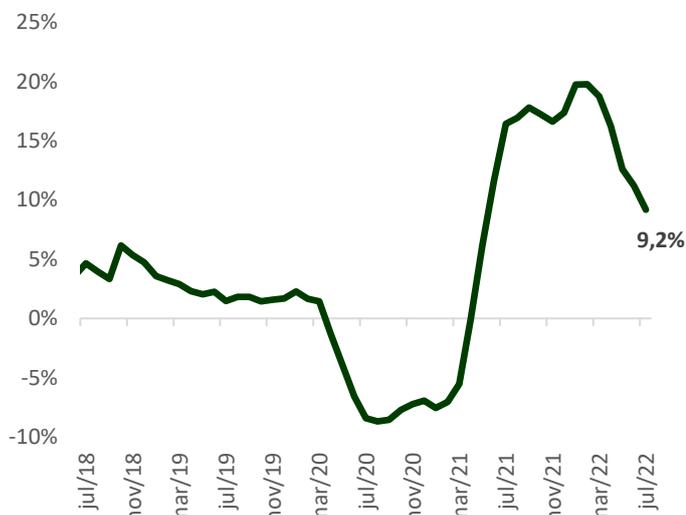
A arrecadação federal surpreendeu novamente em julho com a entrada de R\$ 202,6 bilhões via impostos e previdência, atingindo o melhor resultado para o mês desde o início da série histórica em 1995. O valor representa um crescimento real de 7,5% em relação à arrecadação de jul/21, quando o governo registrou recolhimento de R\$ 188,5 bilhões, em termos reais.

### Variação Mensal Abertura



O recolhimento seguiu impulsionado pelas receitas do Imposto de Renda da Pessoa Jurídica (IRPJ) e da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) que incidem sobre as empresas públicas e privadas. Houve altas marginais de 53,9% e 57,5%, respectivamente. As arrecadações com IOF cresceram 8,3% no mês, enquanto as do PIS/Confins retraíram -5,2%. Assim, no acumulado de 2022, a arrecadação federal já chega a R\$ 1,29 trilhão, uma alta real de 10,4% em relação ao mesmo intervalo de 2021.

### Variação Anual Acumulada em 12 meses – deflacionada pelo IPCA



Em 2022, o desempenho foi alavancado pelas altas de 26,0% em CSLL e de 18,3% em IRPJ, influenciadas pelo aumento dos lucros das empresas, na esteira da recuperação da atividade econômica. Destaque ainda para o Imposto de Renda Retido na Fonte (IRRF) sobre rendimentos de capital, que avançou 61,4% no período, beneficiado pelos ganhos em aplicações financeiras atreladas à taxa Selic. Por outro lado, destacam-se as reduções de - 8,8% nos impostos de importação e de - 4,1% no IPI vinculados à importação, em parte, por conta das dificuldades na cadeia de fornecimento, impactando as produções industriais.

Entretanto, ao se considerar a evolução anual da arrecadação federal acumulada em 12 meses, deflacionada pelo IPCA, observa-se trajetória cadente. A expansão, que era de 19,8% a.a. em fev/22 e 16,4% a.a. em jul/21, alcançou 9,2% a.a.. O bom desempenho deve continuar nos próximos meses, a despeito das reduções de alíquotas e desaceleração no ritmo de crescimento da atividade. A recuperação do mercado de trabalho e os programas de complemento de renda do governo, beneficiando o consumo, devem sustentar a arrecadação.

Fonte: Receita Federal. Elaboração ABBC

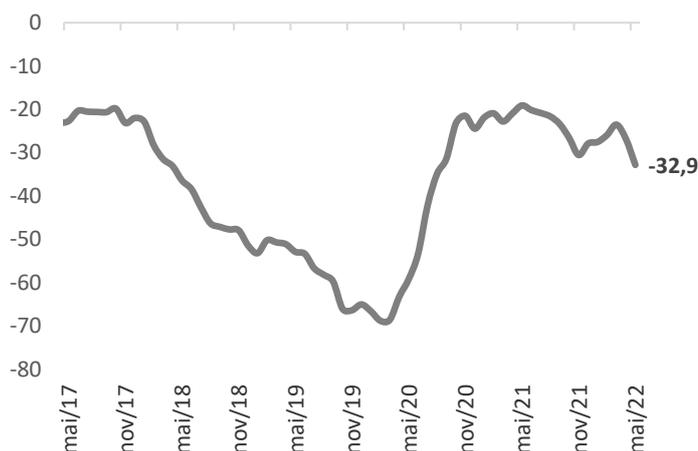
## Transações Correntes - Mai/22

### Saldo Mensal Em US\$ bilhões



Ainda com defasagem, o Banco Central divulgou as estatísticas do setor externo de abril e maio. O saldo em transações correntes registrou déficit de US\$ - 3,5 bilhões em maio e um superávit de US\$ 1,1 bilhão em abril. Este foi o pior desempenho para o mês de maio desde 2014, com o resultado impactado pelo déficit na conta de renda primária, que atingiu US\$ -4,9 bilhões em mai/22 (US\$ -3,8 bilhões em abr/22), com o aumento significativo das remessas de lucros e dividendos, além do déficit da conta de serviços, que ficou em US\$ -2,4 bilhões, ante US\$ -2,2 bilhões em abril.

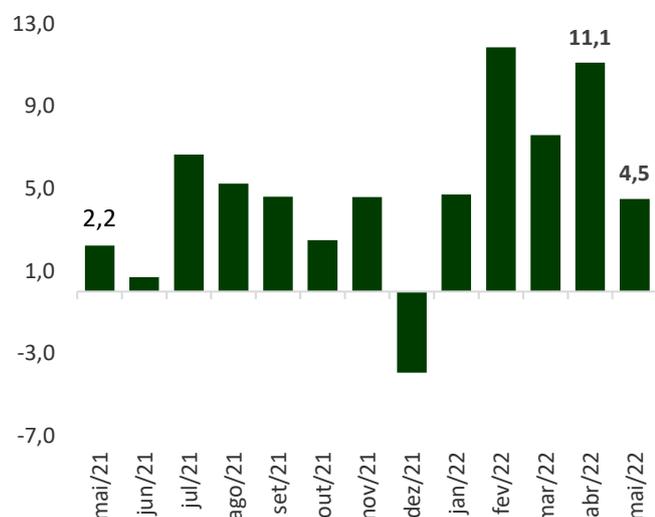
### Acumulado em 12 meses Em US\$ Bilhões



Embora com arrefecimento, a balança comercial manteve desempenho favorável, com superávit de US\$ 3,4 bilhões em maio e de US\$ 6,8 bilhões em abril. No período, as exportações de bens totalizaram US\$ 30,0 bilhões, enquanto as importações somaram US\$ 26,6 bilhões, representando avanços na margem de 2,6% e de 18,5%, respectivamente. Na comparação interanual, as expansões foram de 13,8% e 39,8%, na ordem.

No acumulado do ano, o déficit nas contas externas soma US\$ -15,5 bilhões. Para 2022, o Banco Central estima superávit na conta corrente de US\$ 4,0 bilhões, projeção atualizada no último Relatório Trimestral de Inflação, em junho.

### Saldo Mensal - Investimento Direto no País Em US\$ bilhões



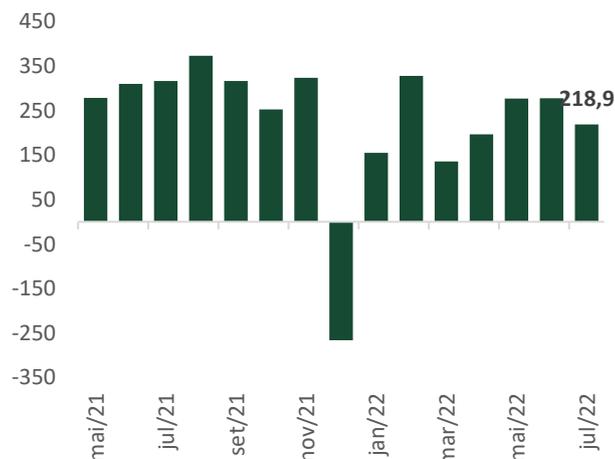
Em maio, o déficit em transações correntes acumulado em 12 meses totalizou US\$ -32,9 bilhões (1,89% do PIB), contra US\$ -26,8 bilhões (1,57% do PIB) em abril e US\$ -19,1 bilhões (1,30% do PIB) em mai/21. A piora no desempenho é a tradução da redução no superávit da balança comercial, motivada pelo aquecimento da atividade com crescimento mais intenso das importações do que das exportações. Houve, ainda, a contribuição dos déficits na balança de serviços com a retomada das viagens internacionais e a maior remessa de lucros e dividendos.

Por fim, a entrada de Investimento Direto no País (IDP) fechou em US\$ 4,5 bilhões em maio, após o ingresso de US\$ 11,1 bilhões em abril (US\$ 2,2 bilhões em mai/21). Assim, o IDP acumulado em 12 meses ficou em US\$ 60,0 bilhões (3,45% do PIB), mantendo sua trajetória crescente, com elevação de 3,9% no mês, 29,2% no ano e 26,9% a.a..

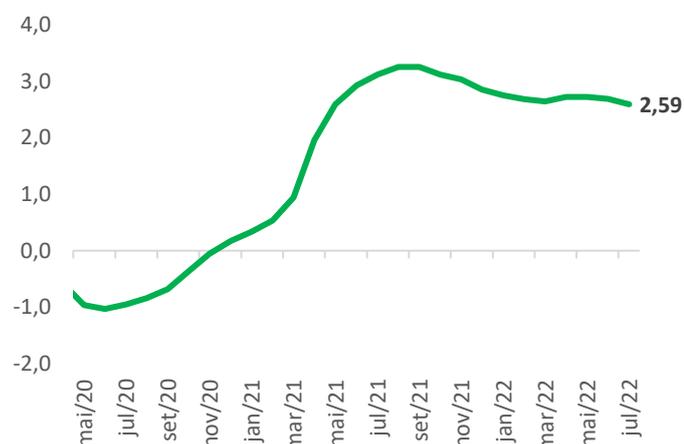
Fonte: Banco Central. Elaboração ABBC

## Caged – Jul/22

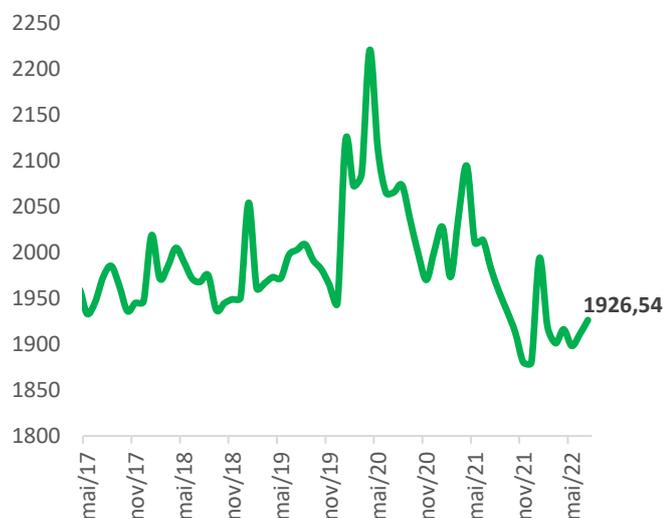
### Evolução do Emprego Em milhares



### Geração de Empregos (Acumulada em 12 meses) Ajustada com declarações fora do prazo – em milhões



### Salário Médio Real de Admissão Variação Anual – Em R\$



O cadastro Geral de Empregados e Desempregados, apurado pelo Ministério do Trabalho e Emprego, registrou a criação líquida de 218,9 mil empregos formais em julho, decorrente de 1.886,5 mil admissões e 1.667,6 mil demissões. Apesar do saldo positivo, o mês apresentou queda de 21,5% em relação a jun/22, cujo saldo foi de 278,7 mil contratações (com as declarações fora de prazo). Com o recuo na margem, a variação anual dos empregos acumulados em 12 meses passou de -1,8% a.a. em jun/22 para -11,6% a.a. em julho.

O saldo mensal positivo foi reflexo da criação de vagas em todos os setores, com destaques para os setores de serviços (81,9 mil) e da indústria de transformação (50,5 mil). Os empregos no setor de serviços representaram 35,5% do total gerado em julho, contudo apresentou uma significativa redução de -35,6% na margem. O efeito nos próximos meses da normalização da atividade tende a ser residual. Assim, a variação anual das novas vagas líquidas acumuladas em 12 meses caiu pela 4ª vez consecutiva, encerrando julho em 33,8% a.a..

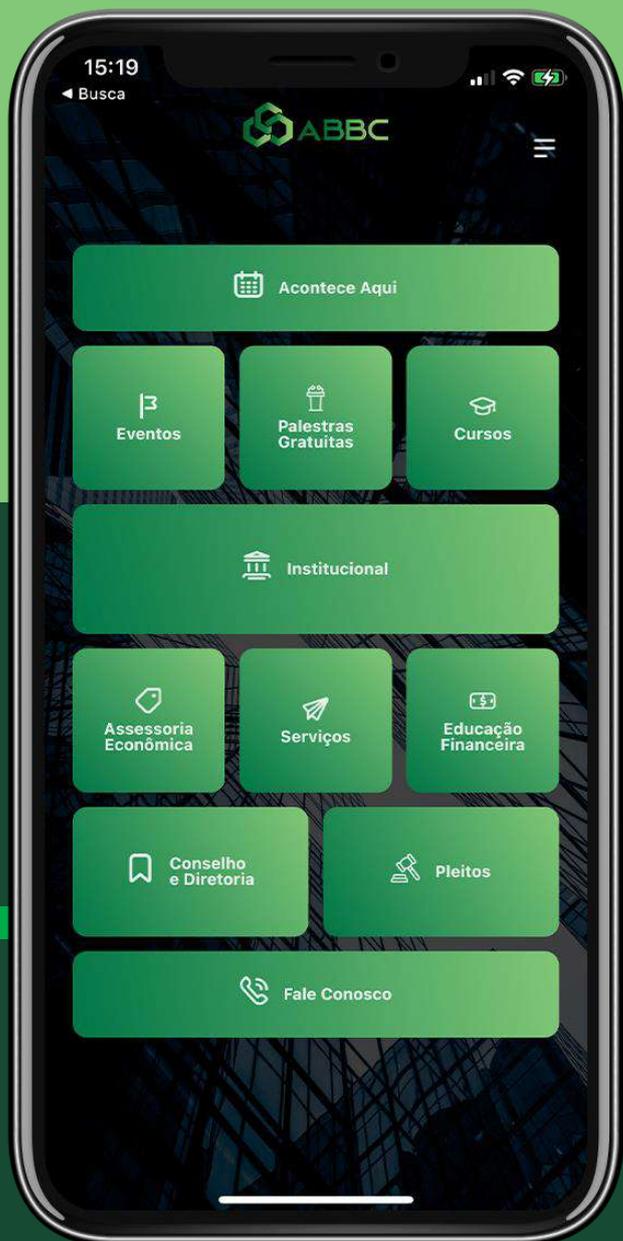
Foram gerados 1.560,9 mil novos postos de emprego no ano, resultado 12,6% abaixo na comparação com o mesmo período em 2021 (1.785,5 mil). O destaque fica novamente com o setor de serviços, representando 53,0% dos empregos formais criados no ano, seguido pelo setor da indústria de transformação, que representa 15,3% dos empregos gerados de janeiro a julho.

O salário de admissão real, deflacionado pelo INPC, apresentou alta de 0,8% em julho, fechando em R\$ 1.926,54. Apesar da alta mensal, o índice segue em queda na variação em 12 meses, sofrendo com baixas desde jan/21 (-4,5% a.a.), e encerrando julho em -2,8% a.a., uma boa desaceleração em relação a junho (-5,1% a.a.).

Fonte: MTE. Elaboração ABBC

## Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
<b>Atividade, Inflação e Juros</b>					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	1,9	0,4
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	8,9	6,6
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	9,0	9,5
IPCA (% a/a fim de período)	4,3	4,5	10,1	6,9	5,4
IGP-M (% a/a fim de período)	7,3	23,1	17,8	10,6	4,7
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,00
<b>Setor Externo e Câmbio</b>					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	70,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-18,0	-30,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	58,0	64,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,20	5,20
<b>Fiscal</b>					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	0,3	-0,4
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-6,8	-7,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	59,0	63,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	79,0	82,0



## Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO  
**Google Play**



Disponível na  
**App Store**



## Assessoria Econômica



[abbc.org.br](http://abbc.org.br)  
[assessoriaeconomica@abbc.org.br](mailto:assessoriaeconomica@abbc.org.br)



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156  
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –  
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688